

A ARCHÉ NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NEOTESTAMENTÁRIO

Jovânio Luiz Pereira*

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar os diversos conceitos existentes entre os gregos quanto à archê (origem, princípio), e suas relações com a formação do pensamento neotestamentário. Trata-se de uma abordagem que visualiza identificar interferências de idéias disseminadas no mundo helênico que paulatinamente afetaram a maneira de pensar e compreender a origem das coisas no pensamento cristão em fase de formação no primeiro século. Por esta razão, ao escreverem seus textos, os autores neotestamentários apresentaram às suas comunidades e demais leitores o que compreendiam ser a archê, ou seja, a origem de todas as coisas.

PALAVRAS-CHAVE: archê, princípio, Novo Testamento, pensamento.

THE USE OF ARCHÊ IN CONSTRUCTION OF NEOTESTAMENTARY THOUGHT

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the several concepts existing between the greeks as for archê (the origin, the principle), and its relations with the construction of the neotestamentary thought. Deal with one approach that visualizes identify interferences of ideas spread in the hellenic world that slowly had affected the way to think and to understand the origin of the things in the christian thought in formation process at the first century. For this reason, when writing yours texts, the neotestamentarys authors presented to their communities and to others readers what they understood be archê, that is, the origin of all the things.

KEYWORDS: archê, beginning, New Testament, thought.

* Universidade de Brasília (UnB). Pós-Graduando em História do Cristianismo Antigo (HCA). jovaniop@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

De modo geral, é possível encontrar em quase todos os povos ou culturas, meios ou simplesmente tentativas que visam explicar a origem de todas as coisas. “A busca pela archê sempre esteve diante do homem, seja ela acerca da criação... da linguagem, do mal, até mesmo da origem de Deus ou dos deuses” (GESCHÉ, 2004, p. 41). Sempre existiram e sempre existirão aqueles que de alguma forma querem saber onde, quando e como tudo começou.

O cenário no qual o Novo Testamento foi escrito não é um bloco isolado na história. As alusões, apropriações, bem como as refutações tinham também como princípio alguns conceitos já existentes especialmente no mundo helênico. No que se refere à busca por um lugar comum do qual e pelo qual todas as coisas vieram à existência, além da concepção transmitida pelos escritos e pela tradição judaica, os escritores neotestamentários também foram influenciados pelo conceito grego existente sobre archê (princípio, origem). Muito tempo antes destes escritores utilizarem este termo, os gregos já o discutiam interessados pela questão da busca por um princípio, um ponto ou elemento

fundamental do qual ou pelo qual se originaram todas as coisas.

Quanto à presença da *archç* nos textos neotestamentários, para que se afirme se houve apropriação, influência, negociação, interpolação ou ações de outra natureza, primeiramente é preciso ir ao encontro dos seus possíveis significados dentre os escritos gregos anteriores. Logo, uma análise comparativa relativamente ao arcabouço conceitual em ambos os contextos possibilitará a identificação das diferentes formas como a *archç* foi empregada na formação do pensamento cristão.

Este artigo apresenta, em síntese, parte desta busca pela *archç* dentre os gregos, associado às formas como os autores neotestamentários a utilizaram e avalia onde os conceitos já existentes foram imitados ou alterados. Apresenta ainda algumas implicações dessa neologia neotestamentária para a formação do que se revelaria posteriormente, no intuito de expandir para além da terminologia, em direção a um sentido mais amplo, os principais usos do termo no Novo Testamento.

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NEOTESTAMENTÁRIO

A filosofia grega é uma importante fonte de pesquisa para a compreensão da formação do pensamento neotestamentário. Tanto na filosofia, que especulou sobre os seus significados, quanto no Novo Testamento, onde também aparece, o uso e o sentido da *archç* é amplo e variado. Ainda que o aramaico tenha sido o dialeto utilizado por um número considerável de judeus no Mediterrâneo, a língua grega, especialmente por sua força e maior abrangência foi aquela que os escritores escolheram para transmitir suas mensagens. Ora, ao apropriarem-se desta língua, conseqüentemente, suas raízes conceituais também foram abraçadas.

A própria filosofia nasceu devido à busca da *archç*, da busca da realidade última, que transcende o que é próximo e comum e define e explica os elementos da experiência diária. Há

quem afirme que três preocupações dominavam a mente dos primeiros filósofos: a busca da monarquia,¹ da unidade em meio à diversidade e a busca do cosmo sobre o caos, que em geral, podem ser resumidas como sendo a busca de respostas metafísicas para o mundo físico (SPROUL, 2002, p.15-16). Esta busca, obviamente de cunho teológico, também pode ser percebida nos textos neotestamentários.

Para Jaeger (2001, p. 5) “o ‘Começo’ não quer dizer início temporal apenas, mas ainda *a.rchç* / (*archç*) origem ou fonte espiritual, a que sempre, seja qual for o grau de desenvolvimento, se tem de regressar para encontrar orientação”. Assim, a *archç* pode também ser relacionada com elementos metafísicos, além daquilo que é visível.

Quanto às interações entre culturas no Mediterrâneo Antigo, alguns pesquisadores descartam as noções de influências de uma cultura sobre a outra, priorizando a idéia de “negociação”. Basicamente referem-se a formas como os judeus e cristãos apropriavam-se das demais culturas e ao mesmo tempo associavam-nas a partir de suas próprias identidades (CHEVITARESE; CORNELLI, 2007, p. 21). Na medida em que as relações se desenvolviam, especialmente no âmbito comercial e religioso, as concepções adquiriam novas formas.²

No que tange à formação das idéias no contexto neotestamentário, isto é, à forma de compreender a mensagem cristã, algumas fontes, não necessariamente escritas, se destacam. A primeira delas, obviamente, são os escritos judaicos (a Lei, os Profetas e os Salmos).³ Mas é importante mencionar que, distante dos meandros do Templo e das sinagogas, estas fontes escritas são propagadas no contexto do primeiro século especialmente por meio da Septuaginta.⁴ Trata-se, portanto, de textos judaicos disseminados na língua grega.

Sabe-se que foi Filon (25 a.C. - 50 d.C.), um judeu que vivia em Alexandria, o primeiro a tentar formular uma síntese entre o Antigo Testamento e o pensamento grego, mas sem prosseguimento. Foi Filon quem “preparou a civilização medieval e as bases daquilo que viria

1. O autor explica que esta palavra trata-se da junção entre dois termos. O prefixo *mono* quer dizer “um, singular” e a raiz do termo, que é a mais importante, é *archç*, que significa “principal, começo, raiz”. Ela é muito usada como prefixo em português, como em arcebispo, arquiinimigo, arquétipo, arquiduque, arcanjo... Na busca pela monarquia, os filósofos procuravam a substância principal ou dominante, chamada *archç*, a partir da qual todas as coisas são feitas ou existem.

2. A história dos Macabeus, por exemplo, registra as lutas de grupos judaicos que resistiram à helenização.

3. Conforme Lc 24.44. Uma das fortes características dos escritos neotestamentários é que eles buscam sempre uma chancela dos textos judaicos anteriores como forma de validação dos seus atos e discurso.

4. Também conhecida como Versão dos Setenta ou simplesmente LXX. Trata-se da tradução da Bíblia Hebraica para o grego *koiné* (comum), com adição de outros livros e sentenças originalmente escritos em grego. A tradução foi feita em Alexandria, Egito, entre o terceiro e primeiro século a.C.

a ser o pensamento cristão ‘europeu’” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 26) Esta observação é importante uma vez que considera o pensamento cristão como sendo fruto de uma mescla entre conceitos filosóficos e judaicos. Mas estes autores apontam ainda para o fato de que a mensagem neotestamentária, ao contrário [da filosofia], fala da criação, precisamente *in limine*: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1.1). E os criou através de sua palavra: Deus disse e as coisas vieram à existência. Para eles “Deus é o Ser por sua própria essência e a criação é participação no ser, ou seja, Deus é o ser e as coisas criadas não são ser, mas têm o ser (que receberam por participação)” (REALE; ANTISERI, 2005, p. 379, 381).

A ARCHÇ NA FILOSOFIA, NA LXX E NO NOVO TESTAMENTO

Conceitos quanto à *archç* adquiriram peso e maior abrangência a partir de Homero (séc. VIII a.C.). Nos textos antigos basicamente significa “início”, “começo”, “ponto de partida”, “início original”, “a primeira causa”, “poder”, “autoridade”, “governo”. Na filosofia grega a *archç* desenvolveu um sentido especial, como sendo “o ponto onde algo novo começa no tempo, o fim do qual pode ser visto desde o início. Quando alguém falava no início (*archç*), o fim (*telos*), também estava sendo considerado” (COENEN; BROWN, 2000, p. 367).

Diferentes pensadores gregos se destacaram na discussão da *archç*. Tales (séc. VII a.C.) foi o primeiro filósofo a afirmar a existência de um princípio originário único, a causa de todas as coisas que existem. Segundo Tales a origem estava na *água*, uma vez que a nutrição de todas as coisas é úmida. Conquanto, o termo *arch*, (*archç*, princípio, origem) não derive de Tales, autores afirmam que ele é aquele que melhor conceitua o pensamento sobre a origem de todas as coisas. Dentre outros pensadores gregos que se destacaram nessa discussão estão Anaximandro de Mileto (séc. VII a.C), onde a *arch* (*archç*, o princípio) é o *a;peiron* (*A-peiron*, o infinito);

Anaxímenes de Mileto afirmou que a *archç* é o *ar*; Xenófanes de Cólofon (570 a.C.), identificou a *terra* como o elemento primordial; Heráclito de Éfeso (séc. VI – V a.C.), atribuiu a origem ao *fogo*; e finalmente Pitágoras (530 a.C.), afirmou que a essência está nos *números* (REALE; ANTISERI, 2005, p. 29-47).

A LXX emprega o termo *archç* para traduzir mais de trinta palavras hebraicas, embora muitas das mesmas ocorram apenas uma ou duas vezes. *Archç* é utilizada como substantivo para traduzir os termos hebraicos *’ôlâm*, de um tempo distante (Js 24.2; Is 63.16, 19) ou *quedem*, “antiguidade, desde tempos antigos” (Sl 74; Mq 5.2). Empregado assim, não somente significa o passado distante quanto o tempo (*qedem* queria dizer originalmente o início e, portanto, o Oriente), como também o estado que existiu uma vez, o começo de uma nação ou do mundo (*aiôn* = Criação). Em alguns casos, as conotações do início e da categoria mais alta vêm juntas em certas passagens (Sl 111.10), onde o temor do Senhor é *archç tçs sophias* (“o princípio da sabedoria”). De acordo com esta passagem, a *archç* é o princípio que governa os componentes do início, progresso e resultado do todo.

Na edição dos textos neotestamentários de Nestle-Aland (1994) o termo *archç* pode ser encontrado mais de cinquenta vezes, conforme citações abaixo.⁵

“No princípio era o Verbo...” (em *archç* en o logos)
- Jo 1.1 e Jo 1.1.

“Então, lhe perguntaram: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Que é que desde o princípio (*archçn*) vos tenho dito?” (Jo 8.25).

“Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio (*archçs*)” (Mt 19.8).

“Ele é o cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio (*archç*), o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1.18).

“.. Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio (*archç*) da criação de Deus...” (Ap 3.14).

5. Textos em língua portuguesa extraídos da tradução de João Ferreira de Almeida (1999).

“... Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio (*archç*) e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida” (Ap. 21.6; 22.13).

O Novo Testamento apropria-se dos conceitos existentes sobre a *archç* de modo bem semelhante aos encontrados nos demais textos em língua grega, tanto nos filosóficos quanto na LXX, especialmente quando se trata de significar um primeiro ponto no tempo ou autoridade. A grande novidade está na identificação do que compreendem ser a origem ou causa de todas as coisas.

Tanto nos Evangelhos, quanto nos textos de tradição paulina, bem como na literatura apocalíptica, todos mencionam o que seus autores compreendem ser a *archç*. Análises filológicas realizadas por Zerwick (1984) nos textos citados comprovam em sua maioria referências ao Gênesis. Por outro lado, ao contrário do que afirmavam e consideravam os filósofos ser a *archç*, Jesus, como o filho de Deus, é inserido no discurso como modelo, causa ou até mesmo agente causador de todas as coisas.

Tais passagens são centrais na construção do pensamento cristão. Segundo Koester (2005, p. 2, 3) grande parte da literatura neotestamentária foi produzida a partir dos escritos de Paulo, enquanto outros consideram os textos de João como “a chave que nos abrirá a vida da igreja” (BROWN, 2006, p. 9). A despeito dos diferentes pontos de partida compreendidos por estes autores, é importante considerar que, conforme as passagens bíblicas citadas, tanto nos textos de tradição paulina, quanto nos sinópticos e em João, a *archç* foi desenvolvida com fortes argumentos que a identificam diretamente com Jesus, ou ainda que o apontam como conhecedor e partícipe das coisas criadas.

CONCLUSÃO

Com base nos argumentos expostos, este artigo conclui que a *archç* desenvolveu um importante papel no processo de formação do pensamento neotestamentário, uma vez que foi

por seu intermédio que seus autores fundamentaram alguns de seus principais conceitos. Ainda que o pensamento neotestamentário possua fortes conexões com afirmações contidas no Antigo Testamento, conforme se pode observar nas correlações entre passagens como Jo 1.1 e Gn 1.1, foram os escritos gregos, e não os judaicos, que eles mais procuraram refutar.

Logo, não se trata meramente de se fazer uso da língua, mas apropriar-se dela e por meio da mesma rerepresentar o que seus precursores (os filósofos gregos) anteriormente afirmaram. Na formação do pensamento neotestamentário, a *archç* não é a água, mas Jesus é a fonte da água da vida (Jo 4.14; Ap 21.6; 1Co 10.4). A *archç* também não é o infinito; Jesus é não somente o infinito, mas ainda o “Princípio [avrçh] e o Fim” [te,loj] (Ap 21.6; 22.13).

Implica afirmar ainda que a *archç* contribuiu para a formação e aceitação do discurso messiânico, centralizou a revelação divina na pessoa de Jesus e consolidou a afirmação de inspiração dos textos cristãos neotestamentários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- A Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BROWN, R E. *A Comunidade do Discípulo Amado*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo*: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.
- COENEN, L; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- GESCHÉ, A. *O Cosmo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- JAEGER, W *Paidéia*: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*: história e literatura do cristianismo primitivo. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Editado por Bárbara e Kurt Aland et. al. 27ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

REALE, G; ANTISERI, D. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Vol. 1. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SPROUL, R. C. *Filosofia Para Iniciantes*. São Paulo: Vida Nova, 2002.

ZERWICK, M. *Analysis Philologica Novi Testamenti Graeci*. 4ª ed. Romae: Scripta Pontificii Institutii Biblici. 1984.

Recebido em Outubro de 2008.

Aprovado em Novembro de 2009.

